

1

“Digo pois: Porventura rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum”
(Romanos 11.1a).

O capítulo onze da Epístola de Paulo aos Romanos é um dos grandes e notáveis capítulos de toda a Bíblia. Sei que tenho a tendência de dizer isso de quase todos os capítulos que consideramos, mas há certos capítulos que se sobressaem quando se faz a leitura completa da Bíblia. O capítulo oito de Romanos certamente é um deles, talvez principalmente do ponto de vista literário, mas há outros capítulos cuja importância só é propriamente reconhecida quando são estudados em detalhe. É então que vemos como eles são maravilhosos e profundos, e como ficamos envergonhados por não termos percebido isso antes. Romanos 11 – e aqui lhes ofereço a minha experiência pessoal – é um desses capítulos.

Contudo, ele tem as suas dificuldades. Em muitos aspectos eu diria que é mais difícil que os capítulos 9 e 10. Certamente, tem havido divergência sobre parte do seu conteúdo e, portanto, é essencial que, quando passarmos a considerá-lo, comecemos fazendo uma espécie de introdução.

Mas antes disso há algo que é ainda mais importante. Relaciona-se com o espírito com o qual abordamos este capítulo. Devemos fazê-lo com reverência e humildade. Naturalmente, as Escrituras sempre devem ser abordadas dessa maneira, mas é necessário algumas vezes, e por razões particulares, reforçar esta solicitação, e uma delas tem relação com o fato de que neste capítulo há questões sujeitas a grande debate. Portanto, resolvamos logo de início que o nosso objetivo ao examinarmos este capítulo não seja provar que estamos certos, ao passo que outros estão errados. Devemos evitar o espírito de controvérsia. Há vários pontos de vista diferentes sobre esta passagem, e todos eles são sustentados conscienciosamente.

Também devemos cuidar para que o nosso apropriado interesse pelo conteúdo deste capítulo não se transforme num entusiasmo ou paixão carnal. Isso acontece de mais de uma maneira. Podemos apaixonar-nos tanto intelectual como emocionalmente. Advirto aqueles que estão propensos a verificar o que vai ser dito sobre esta matéria ou que o querem fazer particularmente sobre a declaração: “E assim todo o Israel será salvo”. Essa atitude é inteiramente imprópria quando vamos estudar as Escrituras.

Lembremos logo no início duas coisas que vemos neste capítulo. A primeira é que nele o apóstolo se refere a um mistério. Portanto, se achamos que temos neste capítulo tudo bem arranjado e posto em quadros claros, e que não pode existir nenhum outro modo de considerá-lo que valha a pena, já estamos errados. Mas a segunda é a maneira pela qual o apóstolo concluiu este capítulo. Tendo-o escrito, ele se vê num estado de coração e mente no qual não pode pensar nem fazer outra coisa senão louvar e adorar a Deus – “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus!” A consideração desta verdade produziu esse efeito nele. Deveria produzir o mesmo efeito em nós e em todos os que a consideram, e é o que vamos começar a fazer agora.

Indiquei como é importante compreender que os capítulos 9, 10 e 11 desta grande epístola constituem uma divisão à parte e que sempre devem ser tomados juntos. Qual é o seu tema? Bem, é naturalmente toda a questão do caso e da situação dos judeus no tempo do nosso Senhor e do apóstolo. Falando em termos gerais, os judeus estavam rejeitando o Evangelho, estavam fora da igreja, e os gentios entravam na igreja aos montes. Bem, o apóstolo está preocupado com isso por várias razões. Sem dúvida ele se preocupava porque ele próprio era judeu. Ele revelou isso no início dos dois capítulos anteriores. O cristão não é antinatural, e todos nós devemos nos preocupar com os nossos parentes e com os nossos concidadãos.

Mas, não somente isso; ele tinha uma preocupação muito maior e mais profunda, que tinha que ver com a grande questão do propósito e do plano de Deus. Ele tinha terminado o capítulo 8 com uma tremenda nota de segurança e certeza. Tinha lançado seus extraordinários desafios: “Que diremos pois a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” E tinha desenvolvido isso, vocês se lembram, concluindo com a triunfal declaração: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o

porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. O propósito de Deus é tão certo e seguro que nada o poderá frustrar.

Mas imediatamente se requer uma questão. É: “Como se pode dizer isso à luz da posição e da condição dos judeus, o povo de Deus? Sua condição não é, em si mesma, uma prova de que o propósito de Deus não é seguro? Não foi completamente arruinado?”

O propósito destes três capítulos é dar resposta a essa questão e mostrar simples e claramente que o propósito de Deus não entrou em colapso e que, se as coisas forem adequadamente entendidas, em última análise não há problema nenhum. Na verdade, estas coisas hão de mostrar que o caso é inteiramente o oposto, ou seja, que o propósito de Deus sempre foi efetuado, está sendo efetuado e sempre o será, até chegar a uma perfeição absoluta e a uma consumação final.

O apóstolo inicia esta grande demonstração no capítulo 9, e a chave para o entendimento disso tudo está na segunda parte do versículo seis, onde ele diz: “Nem todos os que são de Israel são israelitas”. Aí está o segredo. Há um Israel dentro de Israel. Há um Israel literal, nacional, mas há um “Israel” espiritual dentro daquele corpo maior. E o que o apóstolo vai dizer é que nunca foi propósito ou promessa de Deus que todo o Israel físico seria salvo. Deus nunca disse isso. O seu propósito foi tão somente salvar o Israel espiritual, e esse propósito ele tem levado a efeito através dos séculos consecutivos.

Ele ilustra isso com o que diz acerca de Isaque e Ismael, Jacó e Esaú, mostrando que Deus fez esta distinção e agiu naquele que ele já tinha escolhido, pondo em ação o seu grande propósito e levando-o à sua completa realização. E isso o leva a salientar que a salvação é inteiramente resultante da soberana vontade de Deus. Há uma grandiosa declaração no versículo onze do capítulo nove: “Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que a o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)”. Por isso, ele acentua o fato de que todo aquele que é salvo o é unicamente como fruto da eleição de Deus, do grande propósito soberano de Deus. É graças a isso que todos nós somos salvos. Mas ele igualmente salienta que somos responsáveis se estamos num estado de condenação. Não somos responsáveis por nossa salvação, mas somos responsáveis por nossa condenação.